

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Centro de Estudos Internacionais sobre Governo

Especialização em Relações Internacionais:  
Geopolítica e Defesa

---

## **Geopolítica Clássica e Contemporânea**

---

Notas de Aula

*Professor*  
Paulo Visentini

*Estudante*  
Lui Laskowski

2022

Nosso trabalho será dividido em três sessões. A primeira tratará da **geopolítica clássica e guerras mundiais**; a segunda, da **geopolítica da guerra fria**; e a terceira da **geopolítica contemporânea**.

## 1 A geopolítica clássica e as guerras mundiais

O final do século XIX trouxe algumas condições que permitiram uma convergência entre os estudos e a compreensão da política com as noções da geografia. Este é um tema importante, mas que deve ser considerado em sua dimensão histórica e social.

Começemos com um exemplo: o **estado insular**.

O Japão, pela maior parte de sua história, foi um império *terrestre*, pois o mar servia apenas como proteção e isolamento ao sistema quasi-feudal que ali se desenvolvia. Quando o Japão se industrializou, esse status se alterou completamente: o Japão se tornou um império marítimo para buscar mercados, matérias primas e fontes de energia para sua indústria, o que envolveu, também, inúmeras guerras. Não é a geografia, exclusivamente, que determina a política, mas um conjunto de fatores sociais e históricos, que estabelecem a relação entre a política e a geografia.

Apresentemos as noções iniciais teóricas e estratégicas da geopolítica clássica. É importante que ressaltemos que as teorias e estratégias *são produtos de determinadas realidades históricas e regionais*. O país, a região e o momento histórico de seu surgimento explica muito da utilidade futura de cada teoria, ainda que necessite ser atualizada.

Nosso ponto de partida é a segunda revolução industrial na Alemanha, durante o fenômeno mundial conhecido como *imperialismo*. Ali se estabeleceu uma dualidade entre duas concepções - uma concepção de **poder terrestre**, mais forte na Alemanha, França e Rússia, e o **poder naval**, anglo-americano. A pessoa que deu um pontapé inicial na compreensão científica destes fenômenos é Friedrich Ratzel (1844-1904), com o conceito de

*Raum* - a ideia de *espaço*, em sua concepção política. Karl Haushofer (1869-1946), em seguida, muito influenciou o pensamento geopolítico alemão.

Do outro lado do canal, o Reino Unido - potência naval que dominava o sistema mundial no século XIX por meio do domínio dos mares, da vanguarda industrial e do estabelecimento de uma diplomacia que combinava navios de guerra com acordos de livre comércio - se encontrava num estado de potência hegemônica que até então não havia se visto. Ali Halford Mackinder (1861-1947) construiu a primeira visão inglesa da geopolítica, com a ideia da existência de uma região asiática (a “heartland”) que seria inalcançável pelas extremidades mundial (ou “insular crescent”).

Nos Estados Unidos, este pensamento foi avançado por Nicholas Spykman (1893-1943), que agregou a ideia do “himland”, uma zona de transição entre a área dominada pelas potências terrestres e a dominada pelos impérios marítimos. O almirante Alfred Mahan (1840-1914), americano, conhecido como o “Clausewitz das questões navais”, professor da academia naval americana, desenvolveu um trabalho teórico de compilação acerca da guerra naval. A partir de 1900, desenvolveu a teoria da hegemonia da potência marítima - com o impedimento à formação de qualquer rivalidade a este domínio pelo controle dos litorais. Vale ressaltar que os Estados Unidos têm e tinham, também, uma característica insular, se relacionando com a região da Eurásia através de seus litorais.

A Alemanha unificada - um projeto da “pequena Alemanha”, dominada pela Prússia, coincidiu com um projeto extenso de industrialização durante a Alemanha bismarckiana e a seguinte Alemanha guilhermina. A noção de geopolítica alemã surge, naquele momento, num país de acelerada industrialização, crescimento demográfico, tensões sociais, numa posição geográfica importante - estar no centro da Europa pode ser uma bênção e uma maldição - e com pouco acesso a mares livres e desimpedidos (numa posição similar à Rússia, nesse sentido).

A Alemanha deste contexto desenvolveu a noção de

*espaço vital* ou Lebensraum. Este espaço abrangia, por exemplo, regiões de produção notável de grãos e carvão, na Polônia e Ucrânia, regiões pouco povoadas que historicamente abrigavam já pequenas colônias alemãs. Estas regiões assumiram, para a Alemanha, a imagem de um vetor de expansão importante.

A única área da Europa que permitiria expansão sem um conflito de grandes proporções eram os Bálcãs, ao longo da ferrovia Berlim-Bagdá, buscando acesso a petróleo por terra, assim evitando o conflito com a grã-bretanha e os impérios marítimos. A Alemanha já tinha uma zona de influência muito grande nos países escandinavos e a importante exportação de ferro sueco pelos portos noruegueses.

O problema é que a tentativa de construção de uma grande marinha alemã levou a alianças antagônicas que levaram à Grande Guerra - uma guerra que aplica esta geopolítica com extrema clareza, e na qual Alemanha é forçada a enfrentar uma situação de isolamento. O projeto estratégico foi bloqueado pela marinha inglesa, e o resultado da guerra foi tão mais desastroso porque a guerra foi concebido por um prisma excessivamente militar, com sub-utilização de diplomacias e objetivos de longo prazo.

A guerra foi pensada com estratégias similares às do Século XIX, seguindo o modelo da guerra franco-prussiana; a nova tecnologia industrial levou, porém, a um destino imprevisto, desastroso, que levou a diversas consequências - incluindo não só a Revolução de 1917, mas à **fragmentação da Mitteleurope** em inúmeras entidades instáveis. O império austro-húngaro se fragmentou; a Alemanha perdeu muitos territórios; ressurgiu a Polônia, uma grande Romênia, e a Rússia foi afastada dos assuntos europeus, ainda que trouxesse em si a carga de uma transformação muito profunda, acompanhada de uma industrialização de ponta.

A Grande Guerra foi uma guerra *total*, que viu o emprego de teorias geopolíticas também *totais* - num contexto que levou à Segunda Guerra Mundial. O

espaço geopolítico no qual é travada foi essencialmente europeu e japonês. A guerra é bastante desigual, e traz profundas transformações.

O cenário não se alterou radicalmente quando a Crise de 1929 impactou a Alemanha, com a criação do Terceiro Reich - que retomou as *mesmas linhas* geopolíticas alemãs anteriores, somando a elas um forte componente racista. De resto, a geopolítica alemã continuou idêntica, durante uma segunda guerra também desigual e transformadora.

A geopolítica do final do século XIX repercutiu num eco imenso, por décadas, num quadro de destruição na Europa que, até hoje, ainda não foi suficientemente analisado.

## 2 Geopolítica da guerra fria

Entre a primeira e a segunda guerras mundiais, surgiu algo radicalmente novo no mundo: o estado pós capitalista. O Estado moderno é capitalista, e se desenvolveu desta forma, porém até o momento o capitalismo apenas havia convivido com sistemas anteriores.

Na Europa, nesta época, um país relativamente atrasado passou por mudanças violentas, buscando construir uma indústria própria e um sistema próprio.

O resultado da segunda guerra mundial é uma Europa dividida e enfraquecida. O fato da Alemanha ser um país dividido e ocupada não deixa de ser um elemento importante.

O conceito de *heartland*, até então muito abstrato, de quem via de fora e relativo a regiões muito remotas, se torna um novo *heartland*: o comunista, desde a metade da Alemanha até o Oceano Pacífico.

Trata-se de uma massa terrestre impressionante, agora desenvolvida, e que se torna um cenário geopolítico que solidificou a noção do império marítimo - a Inglaterra, ao passar o bastão de comando aos Estados Unidos buscando seu próprio papel no novo mundo, funde os dois lados do Atlân-

tico Norte na OTAN, unidade que Samuel Hutchinson, na virada deste século, definiu como o coração do Ocidente. E assim pensam os estrategistas.

Este núcleo se torna o centro do sistema ocidental, no qual os Estados Unidos ocupam o espaço antes tido pelo império britânico.

A Rússia muito se expandiu, mas não por razões econômicas, e sim buscando profundidade estratégica. Apesar do curso leninista da Revolução, quem materializou este projeto estratégico foi Stalin, grande estudioso da geopolítica e admirador da doutrina alemã. Acima de tudo, porém, foi um nacionalista, razão pela qual foi acusado de trair os ideais de mundialização do socialismo.

A política externa desta potência foi eternamente ambígua. Não podia evitar ser um rival do Ocidente, mas evitou ao máximo a eclosão de outra guerra, protegendo o próprio projeto securitário.

A Rússia soviética se tornou a conexão entre o cenário europeu e o asiático. Seu projeto inicial não era converter o leste europeu ao comunismo, ao considerar as complicações disto - afinal, todo o sistema comunista soviético havia se construído com base numa cultura política fundamentalmente russa. Uma Polônia e uma Hungria católicas, e uma Alemanha nacionalista, seriam muito difíceis de governar - como de fato o foram. O projeto inicial de Stalin era estabelecer estes países como uma zona de amortecimento e de influência, sem necessariamente converter e modificar seus sistemas econômicos externos.

A questão alemã era chave em seu sistema de equilíbrio de poder. Quando sua solução não deu certo, após o Bloqueio de Berlim, ocorrem a guerra da coreia e a revolução chinesa.

Sua ideia ao permitir estes conflitos, como recentemente revelado, era criar um foco de atenção que desviasse a atenção ocidental da Europa.

Ao mesmo tempo, a corrida armamentista traz consigo a ideia de equilíbrio nuclear - a dissuasão inquebrável que permitiria que cada potência gover-

nasse sua própria esfera. Assim, quando a Rússia interviu na Hungria, os Estados Unidos não tomaram nenhuma ação contundente - ainda que não tenham tolerado a Revolução Cubana, em seu próprio quintal.

Um ponto final desta questão é que, paralela a esta tensão geopolítica no hemisfério norte, houve um outro processo, mais modesto, porém muito mais reorganizador: a dissolução dos impérios coloniais. Era comum durante a Guerra Fria, e até hoje, crer que todo conflito no terceiro mundo foi criado pelos Estados Unidos ou pela União Soviética. Um estudo mais apurado nos mostra que muitas destas transformações foram resultados de tensões locais e de uma geopolítica local, como no chifre da África, diante da concepção etíope de Estado.

Estes processos geopolíticos menores são muito pouco estudados. Os Estados menores têm também sua própria visão geopolítica nacional, local e regional de cada situação, que na medida do possível deve ser estudada de forma nativa - sem vê-la como um processo necessariamente externo ou guiado por uma geopolítica global de grandes potências e conflitos por procuração. Nem todo beligerante é um procurador de uma grande potência.

### 3 Geopolítica contemporânea

A Guerra Fria se deu num contexto onde havia uma *economia mundial*, interligando as grandes potências e países reconstruídos (como o Japão) com as regiões consumidoras de produtos e providenciadoras de matéria prima, uma espécie de "Sul geopolítico". As economias socialistas eram economias regionais mais fechadas.

Neste quadro, se desenvolveram guerras locais, algumas das quais se mundializaram. Na década de 1970, a combinação dos choques do petróleo com a crise econômica do hemisfério norte e o realinhamento sino-americano promovido por Nixon e Kissinger levaram a um quadro de instabilidade que levou a URSS a se envolver na África Austral, no Chifre da África, no Camboja, no Oriente Médio e

na América Central com a Nicarágua.

Isto teve um enorme peso na economia soviética, que levou a administração Gorbatchov a tentar reverter um quadro de estagnação (muito mais política que econômica), num contexto no qual a URSS não fora capaz de acompanhar a revolução científica e tecnológica do Ocidente, apesar de estar em posição muito boa em alguns pontos (como em equipamento espacial e em alguns tipos de armamento). Este quadro levou ao fim da Guerra Fria.

É importante, como analista, buscar a inovação - de forma que é importante entender que a Guerra Fria terminou *circa* 1987. A partir dos acordos nucleares e de desarmamento e do momento em que a URSS deixa de fazer oposição no CSNU, o núcleo da Guerra Fria não existe mais.

Nas regiões com dívidas em moeda conversível - Alemanha, Polônia, Romênia - estes países caem com o aceite da URSS, por não terem mais utilidade estratégica. O que a administração Gorbatchov não previu foi que esta crise entraria na própria república socialista soviética russa e levaria ao colapso total do sistema da URSS. Inicialmente, isto levou à liberação de uma agenda geoeconômica - a globalização mundial. Alguns aspectos desta globalização merecem destaque.

O primeiro é o *paradoxo da integração europeia*. A queda do Leste Europeu, ironicamente, embora trouxesse possibilidades materiais, erodindo o projeto político de integração europeia. Hoje se vê claramente nas atitudes políticas da Polônia e Hungria, assim como nas demandas econômicas dos países mais pobres do Leste Europeu, uma ideia de que a União Europeia perdeu o foco em seu projeto e passa por uma crise.

Outro elemento, previsto por Paul Kennedy em 1986, é a *ascensão da China* sem uma mudança de regime político. Este é outro ponto que afeta profundamente o cenário geopolítico.

Por fim, os Estados Unidos passam pela situação de poder sem foco. Se na Primeira Guerra Mundial

lutaram contra os Poderes Centrais, na Segunda lutaram contra o Eixo, e na Guerra Fria se opuseram à União Soviética, terminada a Guerra Fria, seu poder passa a ter como principal inimigo um adversário sem rosto, o terrorismo; o combate às drogas; e algumas potências menores do Terceiro Mundo, resistentes ao projeto americano.

Na última década do Século XX se afirmou que a geopolítica estava morta, e a situação estratégica global seria agora definida pela economia liberal dominadora. No 11 de setembro, isto se revelou errado. Temos áreas extremamente povoadas no mundo, no sul e leste da Ásia, que são as áreas que mais crescem; não apenas para fora, mas para dentro. Estas centenas de milhões de pessoas estão entrando em novas faixas de consumo, o que cria uma luta enorme por recursos naturais, energéticos e alimentícios.

O cenário está dado; o que falta entender são as *forças motrizes* por trás destes processos. Não apenas entender a forma, mas as razões, os conteúdos e o fundo estratégico.

Estamos passando por uma reconfiguração fundamental da Eurásia. A antiga Eurásia estava totalmente fragmentada e dividida; nem mesmo o mundo comunista era unificado, desde a ruptura sino-soviética. Isto permitia aos Estados Unidos uma margem de conforto maior para manutenção de seu sistema e projeto, diante da baixa possibilidade de ascensão de grandes e novos projetos concorrentes.

Hoje temos uma realidade mais clara no seguinte sentido: a União Europeia, os grandes asiáticos, especialmente a China, e no meio a chamada "ponte terrestre": a Federação Russa, potência militar e energética. A articulação desta região, não intencionalmente, deixa os EUA de fora; o *heartland* fica mais definido e ameaça chegar aos litorais<sup>1</sup>. Buscar a lógica e intenções por trás do *Brexit* é uma tentativa que pode encontrar bons resultados nesta

---

<sup>1</sup>N.E.: Aqui ressaltamos, a título de exemplo, o projeto chinês de ligar a nova rota da seda ao porto paquistanês de Gwadar.

reflexão geopolítica.

Outros acontecimentos articulam esta região: a criação da Organização da Cooperação de Xangai, que recentemente viu a entrada do Paquistão da Índia, organização que funciona muito bem e tem em sua base questões securitárias e econômicas; e que é percebida pelo Ocidente pela uma ameaça. Uma pergunta a se fazer é se a OCX de fato *age* contra o Ocidente, ou se *reage*. É possível que sua própria existência anuncie a convergência dos três polos da Eurásia numa única realidade geopolítica, com uma divisão de trabalho clara. A nova rota da seda, ou *belt and road initiative*, por sua vez, dá base a esta ponte terrestre.

Isto explica muito sobre a crise da UE e a dificuldade europeia em ter uma relação econômica/ energética privilegiada com a Rússia, mas uma relação político-militar com os Estados Unidos, sem saber a que lado oscilar. Veremos que, mais uma vez, o país-chave é a Alemanha.

A zona pivô dessa área é a Ásia Central, que pode ser vista como uma extensão do Oriente Médio em seu caráter geopolítico de ligação. Esta zona é energeticamente muito rica.

Somos levados a uma realidade com *novos eixos de poder mundial*.

1. **Eixo militar-rentista anglo-saxão** - Domina a diplomacia e as forças armadas no mundo, e vive principalmente de uma economia pós-industrial.
2. **Eixo industrial desenvolvido semi-soberano** - Inclui a União Europeia e os Tigres. Neste eixo a Alemanha e o Japão são chave. Estes são países que não encontraram um lugar estratégico claro - sua elite ainda não definiu a posição que tomará.
3. **Eixo industrial heterodoxo emergente** - Países com regimes políticos, econômicos e industriais muito diversos, inclui os países do BRICS, também chamados de “semiperiferia”. São países emergentes; no caso do Brasil, há

de se ver se o Brasil terá realmente os requisitos para ser um país emergente, ou se está fadado a ser um país regional.

4. **Eixo agrário-mineral demográfico** - Estes são os países periféricos, que inclui regiões de insumo e regiões em disputa. Inclui a América Latina, o Oriente Médio, parte do sul da Ásia, a África, entre outras.

Há uma mudança muito grande em curso, que faz certas perguntas: o que fazer com a China que cresce? O que fazer com uma União Europeia que compete? Neste contexto, embora surpreendente, faz sentido a agenda que foi perseguida pela administração Trump: o retorno a uma agenda anti-globalização por um dos países que criaram a globalização. Esta é uma política que alguns podem não compreender, mas tem uma lógica, assim como a de seu inventor, empresarial. Pode trazer problemas algo similares com aqueles criados nas décadas de 20 e 30, quando os EUA também tiveram uma visão empresarial do sistema internacional, e não uma visão que desse conta da dimensão político-militar que a acompanha.

O Brasil está numa posição interessante por ser o único país ao sul do Equador socioeconômico com condições de estabelecer um projeto próprio no seu entorno (América do Sul, Atlântico Sul, Antártida e parte da África). Temos certa dificuldade em definir nossos objetivos e nossa visão geopolítica - seguiremos nossas ideias do século XIX e XX, ou acompanharemos as mudanças geopolíticas atuais?

## 4 Eixos do poder mundial

Diante de um conjunto de tabelas de indicadores de força e potência de cada Estado, é mais importante entender como os países se associam. Propõe uma análise que divide quatro eixos no contexto mundial moderno.

#### 4.1 Eixo militar rentista anglo-saxão líder

Rentista significa que este eixo tem uma capacidade militar superior aos demais eixos; que estes países são dominantes já há muito tempo; e que, portanto, estes países são líderes. Estes países não tem mais uma economia baseada em desenvolvimento industrial - são países pós-industriais.

Incluem os **Estados Unidos** e o **Reino Unido**, que inclui seus “antigos países”, colonizados por ingleses, que ainda tem certa associação com a Inglaterra - o **Canadá**, a **Austrália** e a **Nova Zelândia**.

Estes países representam os impérios marítimos - o britânico que se fundiu e em certa medida foi substituído pelo americano. Esta aliança se consolidou ao longo de duas guerras mundiais e da Guerra Fria - assim, esta ligação não depende de governo, é uma estratégia conjunta de Estado.

Sua economia pós-industrial rentista trabalha mais com o uso do capital financeiro acumulado do que propriamente de uma atividade física da indústria. A indústria de ponta - aeroespacial, armamentista, de comunicações - é, porém, muito forte, e esta força é empregada. Possuem muita força junto a organismos internacionais e estão avançados na terceira revolução industrial.

São democracias de consumo - ocorrem eleições, sem votos obrigatórios, e o que ocorre em seu lugar grandes quantidades de consumo que legitimam seus governos. Seu poder cultural é grande, e criam sua própria dispersão de cultura que outros povos imitam ou seguem.

Têm uma integração forte nas áreas de inteligência e comunicação - as informações obtidas costumam estar associadas, conectadas e à disposição dos Estados. A origem desta conexão vem de uma rede chamada *Echelon*, na qual se utilizando da estrutura anterior de Bletchley Park, uma estrutura foi construída para observar os países do Pacto de Varsóvia. Esta rede continua muito ativa, até mesmo contra seus próprios aliados - como Israel, que é um aliado

estratégico, mas não um membro.

Continuam não apenas dominando os céus, mas os mares - a conexão física entre todas as nações do mundo.

#### 4.2 Eixo industrial desenvolvido semissoberano

Inclui a **União Europeia**, excluído o Reino Unido, o **Japão** e os **Tigres**. Estes países tem um capitalismo industrial avançado, tecnologia de ponta e dispõe de grandes quantidades de capital. Têm um PIB *per capita* elevado, mas também são democracias de consumo.

Este eixo seria *semissoberano* por possuir em seu território bases militares estrangeiras - os EUA estão no momento considerando remover um terço de suas tropas da Alemanha, que são ainda um resquício da guerra fria - e um tanto incômodo para a Alemanha. Não gozam de uma soberania plena, inclusive porque suas constituições foram impostas ou negociadas com as elites locais após a Segunda Guerra Mundial.

Seus recursos militares também são militares - a Alemanha só recentemente começou a estudar a eliminação da tecnologia militar americana que utiliza, e o Japão nem sequer o cogita.

Há uma exceção, a França - potência nuclear, membro permanente do CSNU e possuidora de uma indústria aeroespacial avançada<sup>2</sup>. A França não tem, porém, um projeto estratégico.

Estes países, ainda que desenvolvidos e, em certa medida, poderosos, não competem com o primeiro eixo mencionado.

#### 4.3 Eixo industrial heterodoxo emergente

Os países deste eixo são, em linhas gerais, o que se chama de “BRICS” (**Brasil, Rússia, Índia, China** e

<sup>2</sup>Menciona que só existem três grandes polos aeroespaciais - a tecnologia americana, a russa e a francesa.

**África do Sul)** do sul geopolítico, e outros daquilo que se chama de “semiperiferia” (). Não são países desenvolvidos, mas estão de fato a caminho de um desenvolvimento mais ou menos acelerado.

Estes países tem rápida industrialização, mas ainda não gozam de poder político militar capaz de projeção ofensiva. A Rússia herdou certas capacidades da URSS, mas sua capacidade ofensiva é qualitativamente abaixo do primeiro eixo. A China é um país emergente que tenta ganhar tempo, se utilizando de diplomacia pacífica, para consolidar seu desenvolvimento econômico, introduzindo uma dimensão tecnológica própria.

A Rússia nem de longe pode ser comparada à antiga URSS, por (1) ter perdido território; e (2) ter perdido seus aliados externos. Do antigo leste europeu, três países já estão na OTAN; um é um inimigo declarado (a Ucrânia); e assim por diante. Com isso a Rússia também perdeu metade da população soviética, perdeu seu lugar estratégico, e sua ultracentralização é quase como um sintoma de uma vulnerabilidade - a ausência de uma entidade política interna, como o Partido Comunista Chinês - que cria dificuldades. A Rússia tem um PIB comparável ao espanhol, e uma responsabilidade estratégica muito maior.

Quanto à Índia, ainda que concentre muitas capacidades, tem certas vulnerabilidades ainda maiores que a Rússia e a China. Sua população não para de crescer, e é previsto que logo ultrapassará a chinesa; isso num espaço muito maior, com traços culturais arcaicos e extremamente heterogêneos (como o sistema de castas) que tornam muito difícil a implementação eficiente de políticas públicas.

O Brasil e a África do Sul têm uma divisão interna muito grande. A África do Sul tem o poder concentrado nas antigas elites do Apartheid, enquanto o Estado está nas mãos do Congresso Nacional Africano, o que leva a muitas tensões - é uma potência apenas regional. O Brasil passa por uma época de redefinição, de forma que sua política interna influencia a externa. Isso leva a atritos com países que são importantes para sua política nacional - é

um país que está em certa medida se desconectando do Brics, embora os investimentos externos e dos bancos criados pelo BRICS sejam sempre bem vindos.

A maioria destes países estão na Eurásia, somados a outros que estão em condições de participar deste sistema - a Turquia e o Irã, por exemplo, que são países capazes de criar agendas globais. Os elementos de conexão eurásiana são a Organização da Cooperação de Xangai, com caráter político e de defesa, mas também multilateral. O projeto da rota da seda, chinês, leva a certas confusões, que escondem as divergências muito grandes entre a Rússia e a China, por exemplo. A ideia de que o BRICS se oporia ao Ocidente é um desconhecimento - o BRICS é mais uma reação à crise de 2008, para impedir que o dólar continue impondo sua vontade.

A análise da projeção de poder destes países depende do Japão e da Europa continental, principalmente da França e da Alemanha. Existe uma animosidade interna crescente na OTAN - os EUA querem que os países europeus *paguem mais* pela defesa.

#### **4.4 Eixo agrário, mineral, energético e demográfico periférico**

O “Sul geopolítico” - América Latina, África, Oriente Médio, Ásia Central e Ásia Meridional. Esta zona está em disputa estratégica. O primeiro eixo busca aliados neste eixo - o Marrocos, o Quênia, além de alguns países na Ásia também são vinculados ao primeiro eixo. Há uma disputa internacional por seus recursos naturais, sua força de trabalho e seu mercado por potências mais antigas e potências emergentes.

Há uma grande abundância de recursos naturais e humanos. A maior parte dos nascimentos ocorrem neste grupo, o que leva muitas pessoas a tentarem emigrar para a Europa e para os Estados Unidos; o Japão e a Coreia são menos atingidos por ondas de imigração e refugiados. Apenas o hemisfério sul está crescendo demograficamente - dos out-



ros países mencionados, apenas a Índia tem crescimento demográfico.

Existe falta de articulação diplomática e falta de peso militar. Não conseguiram se integrar - o Mercosul faz avanços e tem retrocessos, mas sua integração não é ideal. Sua capacidade de defesa é, no máximo, uma dissuasão.

Seu desenvolvimento econômico e social é médio ou baixo. Às vezes os dois na mesma sociedade, com classe média internacionalizada e uma massa de pessoas empobrecidas.

É inegável que sua conexão com o mundo, porém, cresce. Não há mais países isolados - há conflitos sérios em alguns lugares, mas não há guerra internacional aberta, mas uma instabilidade política frequente.

1. **Oriente Médio** - Guerra de posições. Qualquer mudança é limitada, porque há um equilíbrio de forças e interesses. Avanços custam muito e rendem pouco, de forma que não há grandes alterações no horizonte.
2. **África** - Guerra de movimento. Mais aberta, hoje, a países do primeiro e terceiro eixos. Há uma real disputa, pelos países desenvolvidos e em desenvolvimento, dos recursos, mercados e trabalho da África.
3. **América Latina** - Indefinição estratégica. O continente corre o risco de se atrasar - é possível um quadro argentino (que foi a oitava economia do planeta, e hoje é empobrecido e irreconhecível).
4. **Ásia Meridional** - Apesar de seus problemas, tem governos assertivos, com noção de projetos de desenvolvimento. Está recebendo investimentos, há crescimento e modernização econômica reais - e veem também uma espécie de equilíbrio de poder (entre Índia, China, EUA), o que lhes permite "barganhar" sua posição de disputados.

## 5 Conferência síncrona

### 5.1 Introdução

A geopolítica é uma teoria, que sempre é mais pobre que a realidade. Ela dificilmente pode ser compreendida na sua totalidade - a teoria é uma simplificação e um prisma pelo qual vemos a realidade, e assim é a geopolítica.

Observamos, porém, que a geopolítica só surgiu no final do século XIX como uma área de conhecimento. A geografia do mundo mudou muito pouco desde o início da humanidade - o que aumentou a relevância da geografia nas relações de poder foi um período de intensa industrialização, oposta à época de dominação industrial inglesa.

A situação difere também porque no final do século XIX muitas conexões terrestres começam a se formar, com a construção de ferrovias - como a andina, as ferrovias americanas de costa a costa, e as ferrovias euroasiáticas, com a famosa transsiberiana. Este espírito de revolução no transporte e na conexão fez com que potências terrestres pudessem ter conexões mais efetivas, como na Rússia, que, embora tenha muitos litorais, são litorais não navegáveis ou controlados por potências concorrentes.

A geopolítica se apresenta como uma forma pela qual as elites compreendiam a configuração dos grandes espaços. Por fim, esta época de transição é muito parecida com a que vivemos hoje.

É importante compreender o mundo como um geoide tridimensional. Por exemplo, a compreensão do supercontinente euro-afro-asiático é importante como uma enorme concentração de terras contínuas. As américas aparecem nos mapas como verticais, mas a América do Norte está mais a oeste. Sua ponte geográfica é muito frágil, sendo quase impossível sair dos EUA e chegar à Argentina por terra.

Não apenas a topografia faz uma potência, mas a economia e história de cada país. O Japão viu os oceanos como isolamento, antes da industrialização, e conexão, durante a era Meiji.

As potências marítimas e as regionais (França, Japão) percebiam que seu poder estava projetado a partir dos mares. Qualquer potência interior teria muitas dificuldades - um país terrestre, como o Afeganistão, foi capaz de derrotar invasões de três grandes potências.

Na ásia vive 55% da população do mundo. Além disso, a profundidade estratégica da Sibéria e da Ásia Central é enorme, diante da resistência que oferecem às potências marítimas. Isto se verificou no chamado Grande Jogo, entre os impérios britânico e russo, pelo controle da Ásia Central. Durante a era soviética, esta massa de terra se concentrou ao redor da superpotência soviética, e a possibilidade da conquista alemã também ameaçou a unificação da eurásia.

A geopolítica, portanto, explica certas decisões geopolíticas que de outra forma parecem contraditórias - como o apoio americano e inglês à URSS durante sua Grande Guerra Patriótica pelo programa *lend-lease*.

Os problemas não foram resolvidos, e se tornaram mais complexos, com a instabilidade da região e com a convergência entre Rússia, China e outros países da Ásia Central. Estes elementos estão em jogo hoje.

O fato de sermos constantemente bombardeados por mídias sociais é um problema. Alguns anos atrás só se falava no Afeganistão e nas consequências da retirada americana - conforme os assuntos morrem, somos privados de uma compreensão real sobre os assuntos internacionais e geopolíticos.

Por exemplo, a Lituânia considerou reconhecer Taiwan como representante da China ao mesmo tempo em que haviam tensões na Ásia, em Taiwan, em Hong Kong e no leste da Ucrânia. Um pouco antes das olimpíadas de inverno da China, a Rússia assinou com a China um acordo para resolver certos problemas e disputas de defesa e de economia. Todas essas ocorrências estavam e estão em jogo ao mesmo tempo em que a mídia se concentra exclusivamente, por exemplo, no Afeganistão ou na

Ucrânia.

A Guerra da Ucrânia, em si, é uma sucessão de mensagens e imagens. Os russos nunca pretenderam capturar Kiev - e sim ameaçar, assustar, desestabilizar e forçar os ucranianos a um acordo de paz que beneficie a Rússia.

As correlações de força estão sendo redesenhadas. Este momento mundial é muito importante e muito interessante à pesquisa.

## 5.2 Q & A

### 5.2.1 A geopolítica brasileira está presa na Guerra Fria?

Nossa geopolítica prestou atenção à formação de nosso espaço como América portuguesa e maior país da América Latina. Nossa geopolítica trabalhou incessantemente para controlar os acessos ao interior, pelos rios Amazonas e da Prata. Temos uma geopolítica própria: a tentativa de Golbery é excessivamente “da guerra fria”, na esfera americana, como se estivéssemos na linha de frente - o que nunca estivemos. Hoje, porém, estamos fazendo reflexões importantes sobre o Atlântico Sul e a Ásia, ainda que um sentido central não tenha mudado: evitar que, no nosso entorno, tenhamos grandes potências metidas, especialmente com ativos militares, nas questões latino-americanas.

### 5.2.2 Qual foi o papel do Império do Brasil?

Uma das razões do Império Espanhol se manter como império terrestre é sua concentração em áreas ricas em recursos naturais. A agricultura não era importante, diferente das colônias portuguesas. Isso levou os portugueses à necessidade por terra e mão de obra - o que foi mantido e ampliado pelo Império, assim como a unidade nacional. Naquele momento, o principal perigo veio da competição com os estados hispânicos do sul, alguns dos quais eram, inclusive, apoiados pelas grandes potências marítimas.

### 5.2.3 Qual o papel da ESG e do Ministério da Defesa?

No Brasil, o pensamento de defesa e geopolítico é excessivamente fragmentado - entre universidades, institutos, a ESG e a ESCEME. Dito isto, para buscar que o interesse brasileiro amadureça, a ESG tem um projeto de ser um *think tank* nessa área, o que requeriria mais integração com outras escolas e institutos. Se não temos sucesso reflexivo, não teremos uma grande estratégia - ou seja, é necessário que tenhamos uma reflexão geopolítica acadêmica própria. Temos muitas fundações, mas nenhuma com suficiente conexões.

### 5.2.4 Onde entra a Rússia na relação China-Occidente?

Se houver um bloqueio da economia chinesa, teremos uma divisão do mundo. É difícil que haja uma separação grande entre poder militar e poder econômico - a Rússia, por exemplo, tem maior tecnologia de produção militar, mas a China tem uma capacidade econômica e produtiva muito superior. A Rússia tem uma aliança desconfiada com a China porque conhece a necessidade de expansão chinesa, e que, se não se afirmar, se tornará uma fornecedora de matérias primas estratégicas, combustíveis, minérios raros e tecnologia aeroespacial para a China. A Sibéria tem um vasto espaço e uma população pequena, dez vezes menor que das províncias chinesas pequenas a seu lado. Kissinger advertiu que seria necessário trazer a Rússia para o lado do Ocidente, para evitar sua aliança com a China.

A Europa está incerta de seu papel. A Alemanha tem um papel econômico enorme, mas suas elites tem medo de dar um passo grande, e sua situação política ainda contém resquícios da derrota de 1945. A França e a Rússia são países que de fato tem controle de seu território, mas a França não tem um rumo estratégico - nesse sentido, está perdida há muito tempo. Enquanto a Etiópia se torna uma potência regional, construindo uma ferrovia interafricana, vemos a volta do crescimento dos meios

de expansão terrestre, após o foco excessivamente aeronaval da Guerra fria.

### 5.2.5 Qual a situação atual de corredores de comunicação entre espaços e potências?

O Reino Unido não é só a Inglaterra - é um elemento fundamental do eixo de poder anglo-saxão e do remanescente da *Commonwealth*. A partilha das estruturas de informação, por exemplo, é uma característica da situação estratégica unificada das potências marítimas, que estão buscando evitar a convergência nipo-chinesa, e fazer alianças de potências marítimas para se opor ao crescente poder terrestre.

Recentemente a China assinou um acordo com as ilhas Salomão que incluía a possibilidade de deslocar tropas pela região. A reação foi fortíssima. No Cazaquistão, de imensa importância estratégica, houve uma tentativa de golpe. Há muito ocorrendo, especialmente nos **corredores** de comunicação marítima e terrestre. A China agora conta também com um corredor de comunicação com o Oriente Médio, após seu acordo com o Taliban.

### 5.2.6 Como está a relação entre o Brasil e os países do BRICS?

Antigamente o Brasil conseguia se comunicar com facilidade entre muitos polos de poder. Desde a última eleição, nos afastamos dos países do BRICS e nos aproximamos novamente dos EUA e das potências marítimas.

O Brasil costumava ter relações dipolmáticas com todos os países do mundo, e isso não mudou. Muito da política interna não foi senão um reflexo da política interna - a relação Brasil-EUA já não é exatamente a mesma, por exemplo, desde a eleição de Biden.

Isso é algo cíclico na história diplomática brasileira, que tem mais atividade quando se torna “defensiva”. Isto parece ser o que aconteceu. Houve uma crise geral muito ampla, que acabou impactando nossa política externa - sofremos muita interfer-

ência externa num momento em que estávamos mal organizados. Não chegou a haver uma grande modificação.

### **5.2.7 Qual a situação externa e estratégica do Brasil?**

O Brasil sempre jogou de forma múltipla. Os investimentos costumam vir naquilo que está melhor, e precisamos deles naquilo que está pior.

Nosso papel na América do Sul, porém, é um de âncora - e este é um papel que precisamos tentar manter. Os países sul americanos, se não tiverem integração com o Brasil, se abrirão a interesses externos, que poderão acabar minando o desenvolvimento de toda a região se não forem bem equilibrados e balanceados.

Este processo será um pouco prejudicado pela corrida eleitoral, momento no qual as pessoas buscam o mais teatral e menos pragmático.

### **5.2.8 Qual a relação entre os ciclos hegemônicos das grandes potências?**

A China tem um projeto um pouco diferente do processo de desenvolvimento das grandes potências ocidentais. Ela improvisa e adapta. Já foi a maior economia do mundo, até o século XVIII, e conta com 22% da população do mundo.

Está fazendo algumas coisas para buscar se desenvolver sem grandes confrontos, pelo *Business as Usual* - vender coisas baratas. Tudo é feito ou na China ou em países parceiros onde a China investe (como Bangladesh, onde investem, melhoram a infraestrutura e recebem um excelente retorno).

Vale mencionar sua presença na África e na América Latina. Nessas regiões, ela aparece nos países mais vulneráveis, com propostas atrativas que são pagas com recursos naturais - o que significa que o país não fica endividado. É a mesma relação que teve com o Japão durante a crise do petróleo. Estes acordos estão chegando a regiões novas, o que requer uma análise das diferenças locais deste processo.

As sociedades estão mudando, como na desindustrialização americana e europeia. Há algo novo no ar - a China é capaz de buscar uma alternativa conforme tem poder para bloquear as decisões internacionais que não lhe interessam.

Antes de dar nome a este novo processo, precisamos compreendê-lo, e não é possível teorizar sem conhecer a realidade. A China não é apenas um enigma, é uma metamorfose, conforme revisa seus modelos ocidentais, enquadra seus bilionários, estende o mandato de seu presidente e assim por diante, sinais de instabilidade do mundo.

O partido único não necessariamente significa heterogenia de estratégias. A China tem, e sempre teve, muitas estratégias concorrentes no Partido.

### **5.2.9 Qual a situação da pressão antirrusa em Moçambique e na África?**

Moçambique já estava sob pressão antes da guerra russo-ucraniana. O que chamamos de Comunidade Internacional são os EUA, Canadá, a Europa, Austrália e Nova Zelândia - os dois primeiros eixos se alinham e assumem o nome. A maioria dos países não adotaram medidas antirussas.

Moçambique tem sido visado por suas riquezas, principalmente de gás, e outros países, que não são os parceiros escolhidos, passam a criar uma narrativa contra o país. Quanto mais estudamos mais identificamos os interesses econômicos por trás das narrativas políticas.

O Brasil muito tentou defender o direito internacional sem se envolver na esfera política dos confrontos. A pressão internacional para que "todos" os países tenham a mesma posição dos que estão envolvidos é negativa.

Esta pressão se vê por todo o terceiro e quarto eixos. O primeiro ministro britânico imediatamente visitou a Índia assim que esta se recusou a tomar medidas antirussas e comprou armamento russo. Os países tem certos interesses, e estas sanções tiram do mercado internacional beneficiam certos concorrentes.

Alguns países europeus inclusive tomaram posições contra seu interesse. A Alemanha está numa posição muito difícil, porque seus interesses econômicos estão no Leste, e suas alianças militares e políticas estão no Oeste.

#### **5.2.10 Qual a posição geopolítica da África do Sul?**

A maior parceria brasileira é com os países africanos, mas não tivemos o avanço que poderíamos ter tido. Somos diferentes dos outros BRICS - não precisamos de minérios e produtos agrícolas. O desmantelamento das mega-empresas internacionalizadas brasileiras com a Lava Jato deixará a cooperação com a África bastante enfraquecidas.

O problema da África do Sul é um problema do pacto que encerrou o *apartheid*. Há uma população holandesa mais antiga, e este grupo tem um histórico racista muito forte. O acordo é que deveriam se respeitar os “direitos da minoria”, o que significa manter a vantagem socioeconômica e de capital da elite branca. Nesse contexto, o país também é uma vítima de interesses internacionais e fuga de capitais. É ainda um caso mal resolvido, um país muito dividido.